

Relato da Aldeia Yynn Moroti Wherá da Terra Indígena M'Biguaçu

O início do contato com a aldeia iniciou em 1991, quando comecei a realizar atenção odontológica à comunidade, utilizando apoio logístico e operacional da Secretaria Municipal de Saúde.

O tekoá era liderado pelo Sr. Milton Moreira que exercia uma liderança forte, centralizadora, articulada com lideranças políticas da região, porém deficiente na socialização e descentralização dos benefícios e conquistas alcançados, originando em minha avaliação, um desinteresse coletivo pelos destinos e rumos na vida da aldeia.

Apesar das regras de conduta rígidas, da exigência de contribuição individual na força de trabalho e da presença do Tcharamõe Opyguá seu Wherá Tupã (Sr. Alcindo Moreira) e sua esposa Cunhã Karai Poty D'Já (Senhora Rosa Cavalheiro Mariano), o sistema de vida do povo guarani apresentava mais aproximação ao modelo de vida das comunidades não indígenas, prevalecendo o indivíduo "pelo ter e não pelo ser".

A identificação da ingestão abusiva de álcool era constante; a perda das relações de compadrio; a desarmonia familiar e social coletiva; o desinteresse nos projetos e/ou ações de sustentabilidade e ausência de grande parte da comunidade (a presença se restringia mais às crianças) nas cerimônias na opy (casa de reza), "pintava um quadro" de desalento quanto ao futuro da comunidade dentro da tradição e cultura guarani.

A insistência do seu Wherá Tupã em manter a casa de reza com os cânticos e cerimônias tradicionais e o cultivo em um pequeno pedaço de terra das culturas alimentares sagradas ao povo indígena, associado à exigência de uma escola bilíngüe existente na aldeia, o idioma guarani ser o primeiro a ser aprendido e sua representação escrita, ajudaram a manter "acesa a chama do fogo sagrado" (coração de todos na aldeia e detentor das tradições dos antepassados) sendo uma fortaleza para os dias atuais.

A proximidade com a BR101, cortando as terras em seis hectares; o tamanho reduzido da aldeia; o comércio local próximo, com área de turismo sazonal; a falta de alternativa de renda (levando a saída de alguns moradores em busca de trabalho temporário); e a falta de controle e acompanhamento dos não indígenas que freqüentavam de forma periódica a comunidade, com grande proximidade de jovens, foram os maiores motivos de “fraquezas” presentes na comunidade, que ameaçavam a permanência do modo de vida guarani.

Com a passagem da responsabilidade da assistência à saúde da Funai para a Funasa (Lei Sergio Arouca) e a contratação da Associação Rondon Brasil para execução das ações de atenção básica, passei a ter uma relação formal de trabalho com todas as comunidades do litoral de Santa Catarina e conseqüente “aprofundamento” nas relações com a comunidade de M'Biguaçu..

No ano de 2000, aconteceu um fato marcante na comunidade. Um morador com uma doença séria, de tratamento difícil e sofrido, necessitando de atenção integral na aldeia, sem parentesco em primeiro grau, se recusa em uma unidade hospitalar de Florianópolis a dar continuidade ao tratamento. Devido a este fato, o corpo clínico do hospital solicitou a ajuda do Dr. Haroldo Vargas, em virtude do seu envolvimento com as práticas xamanicas dos povos ameríndios. A partir deste contato e a necessidade de um tratamento interdisciplinar e multiprofissional, respeitando os preceitos da espiritualidade indígena e o conhecimento imemorial dos curadores guarani, o Dr. Haroldo estabeleceu um contato mais estreito com a comunidade da T.I. M'Biguaçu e propôs ao Rondon Brasil, a execução de um trabalho que revitalizasse as tradições do povo guarani do litoral, centrado na liderança e força espiritual da TI M'Biguaçu – (hoje importante centro ritual e político). Através do circuito xamânico conduzido pelo casal de *karaikuery*/xamãs Alcindo *Werá Tupã* Moreira e Rosa *Poty Djerá* Pereira - cujos poderes são reconhecidos e procurados por uma ampla rede de pessoas Guarani que se estende do Rio Grande do Sul ao litoral paulista.

Ao iniciar os trabalhos, a presença do Haroldo lembrou a profecia do seu *Wherá Tupã* de um ano anterior, que teria na aldeia a presença de um homem, não

sabendo se seria branco ou índio, velho ou novo, que reergueria o povo guarani na reza e nas tradições de cura e tratamento, conhecimentos imemoriais já esquecidos pelo povo guarani, e que então haveria um novo tempo em que a comunidade começaria se levantar, devagarzinho mais com força no propósito de se erguer.

Através da sistematização do trabalho executado pelo Dr. Haroldo, com o apoio e consentimento da comunidade da aldeia Yynn Moroti Wherá e suporte técnico e logístico da gerencia do Rondon Brasil, se disseminou pelas comunidades do litoral de Santa Catarina, a construção de casas de reza; as rodas de petyngúá (cachimbo sagrado) onde se conhece e repasse o conhecimento dos mais antigos, e como em um "jogo de quebra-cabeça" se resgatou a história dos antepassados e a história do próprio povo guarani.

Temos que lembrar que a nação guarani utiliza a expressão "**Mbyá Rekoa Meme**" como a região na qual as distintas *tekoa*/aldeias estão articuladas por laços de parentesco cotidianamente atualizados em arranjos matrimoniais, alianças sociopolíticas e religioso/xamânicas, fluxo de pessoas e famílias, troca de saberes, sementes, mudas, pequenos animais, recursos naturais, por um intenso circuito ritual e pelo manejo de espaços comuns e similares em termos geo-ambientais, o que confere uma dimensão de base territorial a um conjunto sociocultural Guarani específico" (**Relatório Impacto/2006**). Portanto, revitalizando espaço Mbyá Rekoa Meme, houve a intensa troca de saberes, desencadeando reações da comunidade deste território que culminou no resgate das "bebidas do poder", ou das "plantas que curam" sedimentando entre algumas aldeias do litoral a utilização da bebida xamanica Aiuá que utilizada seguidamente nos rituais liderados pelos rezadores da aldeia, proporcionam momentos mágicos, únicos, de cura e de revitalização das tradições do povo guarani. Junto com o petyngúá a Aiuá nas palavras do Tcharamõe "é nossa arma e nossa defesa".

Após a reincorporação das bebidas xamanicas nos rituais de reza, tenho observado uma melhora considerável das condições de vida da comunidade, em

virtude de uma nova postura perante os enfrentamentos e dificuldades de relacionamento. Se restabelece as relações de compadrio (jopo'i), a área de plantio apresenta maior diversidade e produtividade, com participação mais efetiva dos jovens; reduz de forma drástica a ingestão de álcool, atingindo de forma permanente mais de 90% da população local; a busca por atividade de auto sustentação, como a produção de artesanato, a oficina de corte e costura, associada a oficina de serigrafia, e principalmente a organização do grupo de apoio a revitalização da reza e cerimônias de cura guarani. Este momento de felicidade atinge seu ápice quando o tcharamõe opyguá, através da produção excedente de milho tradicional guarani (avaxi-ete) demonstra a todos da comunidade o feitio de uma bebida do poder, chamada de Kauí, desconhecida por muitos guarani, e esquecida em várias comunidades que não tiveram o entendimento da mensagem de reza que foi desejada ser transmitida.

De acordo com Elisabeth Pissolato (2006), o conceito Guarani de **alegria** remete a um estado de viver. Para ser atingido, deve-se *estar* em ambientes integrais, cuja condição seja o mais próxima daquela deixada aos humanos pelas divindades. Tais ambientes são reconhecidos pela presença de *ka'aguy porã*/mata bonita, de *yakã porã*/nascentes de água limpa, de *kokue*/roças tradicionais férteis e de determinados seres - vegetais e animais. Trata-se de ambientes de florestas e nascentes, cujas áreas mais conservadas correspondem às identificadas pelo *karaí* como o *coração da terra*. A imagem do **coração** demarca ao mesmo tempo uma posição de **centralidade** no **corpo da terra** e uma **função** de distribuição de fluxos cósmicos associados à espiritualidade, à vitalidade e às águas.

Acreditamos que este estado de felicidade alcançou o povo guarani Yynn Moroti Wherá, após da reintrodução da Aiuá.

Em 2001, após um ano de atuação na Saúde Indígena, com implantação das Equipes Multidisciplinares (EMSI) e organização operacional dos serviços médicos, odontológicos e de enfermagem, com os respectivos suportes para referência e

contra-referencia, a Coordenação do Projeto Rondon identificou pequenas melhoras nos indicadores epidemiológicos.

Diante disto, em conjunto com a gestão da Fundação nacional de Saúde (FUNASA), desencadeou um processo principalmente nas aldeias da etnia guarani, identificando as necessidades para transformação do “quadro epidemiológico” existente. Em reuniões com lideranças políticas e religiosas das comunidades trabalhadas, percebeu que havia um componente de forte expressão na dinâmica social das aldeias, a ser compreendido e fomentado, que serviria de “base de apoio” em todas as ações, revitalizando o famoso “Sistema de Vida Guarani” – a Medicina Tradicional.

Entendeu-se que esta não se resumia apenas a utilização de remédios tradicionais de conhecimento milenar, repassado através da oralidade no povo guarani. A Medicina Tradicional é um fenômeno complexo, que permeia em todos os “movimentos internos” das comunidades.

O povo guarani exerce sua medicina, vendo o indivíduo na sua integralidade: suas relações sociais; sua visão de mundo; sua religiosidade (tendo o corpo e espírito indissolúveis nas suas ações e reações); sua influencia cosmológica; seus ritos e crenças; seu conhecimento fitoterápico e a importância da transmissão oral, centralizada na figura do líder espiritual (tcharamõe Opygua) e na existência das casas sagradas de reza (opy), onde acontecem as verdadeiras “salas de aula” do povo guarani.

Como quem “tira o pó” acumulado por anos sobre um objeto, foram desencadeadas ações que identificaram e apoiaram os líderes espirituais guarani, como também se incentivou e apoiou-se a construção de casa sagrada de reza tradicional e o intercambio entre as comunidades.

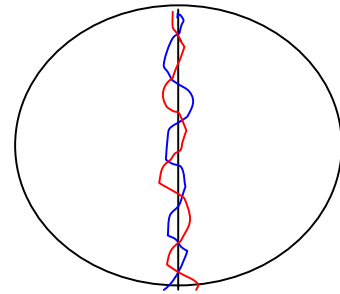
Juntamente com a Funasa, contempla no seu Plano de Trabalho do Programa de Atenção à Saúde Indígena as necessidades operacionais relativas às execuções de cerimônias de cura e ritos sagrados guarani no vasto território do litoral sul/sudeste do Brasil, do estado do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul.

É inequívoco afirmar que após todos estes anos, “a tão sonhada” melhoria na qualidade de vida, foi perceptível nas comunidades que conseguiram revitalizar sua medicina tradicional. As relações de compadrio (jopo’i) entre as famílias se restabeleceram. Atividades como a volta ao plantio, principalmente dos alimentos sagrados deixados ao povo por Nhanderu (Deus primeiro ou verdadeiro) como alimentos de cura (milho – avaxi-ete) e feijão (komanda) e subseqüentes cerimônias de consagração e agradecimento; a ausência de violência doméstica; a diminuição na ingestão abusiva de bebidas alcoólicas e a melhora nos indicadores epidemiológicos de mor-morbidade são fatores de comprovação do êxito da revitalização da Medicina Tradicional nos mecanismos de auto-estima e autocuidado do povo guarani, com subseqüente interferência na resultante dos processos do binômio saúde-doença.

Utilizando as palavras do Tcharamõe Opyguá, Senhor Wherá tupã (Alcindo Moreira) da aldeia Yynn Moroti Wherá (município de Biguaçu): “Nosso povo não enxergava mais a raiz da nossa tradição e conhecimento. Conhecia somente o tronco, galhos e folhas. Sem conhecer a raiz e alimentá-la, não tem como a árvore sobreviver e dar frutos. É preciso sempre conhecer a raiz da nossa cultura, entendê-la, para que as folhas e a árvore não caiam no primeiro vento forte, e seus frutos se espalhem, nascendo novas árvores fortes”.

A ele, a EMSI uma vez perguntou: “Como seu Wherá Tupã, as duas medicinas, a indígena e não indígena podem trabalhar juntas, pois algumas doenças são de conhecimento e origem dos não indígenas?”

Ele respondeu na sua tranquilidade habitual: “Sou analfabeto, não sei escrever, mas vê este desenho que vou fazer no chão e tende compreender o que falo”.



Rabiscando no chão fez o seguinte desenho e explicou:

“de um lado está o nosso conhecimento. Do outro está o conhecimento de vocês. De que adianta o conhecimento se não for repassado? O meio é um caminho sem início e fim. Neste caminho, vou eu e o médico djuruá (branco). Uma hora indo para um lado, outra indo para o outro, mas sempre juntos, um ajudando o outro. Do meu lado eu cuido do meu povo com a ajuda da medicina djuruá, do outro lado vocês cuidam dos djuruá com a ajuda da medicina m'bya (indígena). Quero aprender a tua medicina e me tornar um curador mais poderoso, que conhece a medicina dos d'juruá. E quero ensinar ao médico, para que um dia seja respeitado no seu povo, como um curador que não preciso cortar seu paciente para curá-lo. É um caminho longo e estreito, mas de grama verdinha”.

Assim o Projeto Rondon conseguiu elementos para compreender e apoiar a medicina tradicional, com todos seus imbricamentos no “Sistema de Vida Guarani”, harmonizando o Tekhoá (terra onde a comunidade vive), respeitando a cultura e exercendo suas obrigações na atenção à saúde indígena com sucesso.

A continuidade da utilização da Aiuá se faz necessária e é solicitada pelas lideranças espirituais da região nas várias cerimônias realizadas.

Hoje a aldeia estabeleceu uma aliança com outros segmentos da reza, desenvolvidos por não indígenas, que dão suporte na produção (feitio) e reintrodução da medicina em nossa escassa mata atantica.

Marcelo França – Karai Ryapu Wherá Mirim